



UNICAMP



EVENTO: Philip Glass compõe trilha sonora
do planeta (I)
VEÍCULO: O ESTADO DE SÃO PAULO
DATA: 021mar 96
PÁGINA: D-1
SEÇÃO: CADERNO 2

Philip Glass compõe trilha sonora do planeta



Philip Glass: encarregado da trilha do próximo filme de Scorsese

Ele deixa para trás o rótulo de minimalista, confirma a reputação de músico mais ocupado do mundo e cria temas para todos os tipos de imagem, desde óperas e balés até o filme 'Jenipapo'

CARLOS ALBERTO DE MATTOS
Especial para o Estado

office, porém, o que mobiliza Philip Glass é a paixão por um tema. Suas óperas podem tratar de grandes



Cena de 'Koyaanisqatsi': a "sinfonia" feita para o filme de Godfrey Reggio, que mostra o desequilíbrio na Terra, faz Glass alcançar mais popularidade e conquistar milhões de admiradores



RIO — Em cartaz nas telas brasileiras com a trilha sonora de *Jenipapo*, compondo sua 14ª ópera e recém-contratado para fazer a música do próximo filme de Martin Scorsese, sobre a vida do dalai-lama, Philip Glass confirma sua reputação de mais ocupado compositor da música contemporânea. Com uma especialidade que ele assume sem rodeios: fazer música para imagens. Óperas, balês, filmes, peças de teatro clássicas ou experimentais compõem uma carreira prolífica e diversificada, que há muito deixou para trás os rótulos de minimalista, serialista, etc.

Nascido em Chicago há 59 anos, budista desde os 30, Philip Glass estudou com Darius Milhaud nos EUA e com a lendária pianista Nadia Boulanger em Paris. O encontro com Ravi Shankar e com a música indiana nos anos 60 provocou a primeira grande guinada em sua obra. Shakespeare, Cocteau e o teatro nã japonês foram outras influências que enriqueceram sua

opção por uma espécie de world music contemporânea fortemente amparada nas artes cênicas. O resultado é uma popularidade que nenhum outro compositor não-popular desfruta nos tempos atuais.

A fama chegou para Glass com *Einstein on the Beach*, composta em parceria com o encenador americano Bob Wilson nos idos de 1976, que alterou profundamente o panorama das artes cênicas contemporâneas. As trilhas sonoras dos filmes-sinfonia de Godfrey Reggio (*Koyaanisqatsi*, *Powaqqatsi* e *Anima Mundi*) lhe valeram outros milhões de fãs. Mais recentemente, o CD *Low Symphony*, baseado em velhos temas de David Bowie e Brian Eno, vendeu em níveis de sucesso pop.

Mais que qualquer tilintar de box

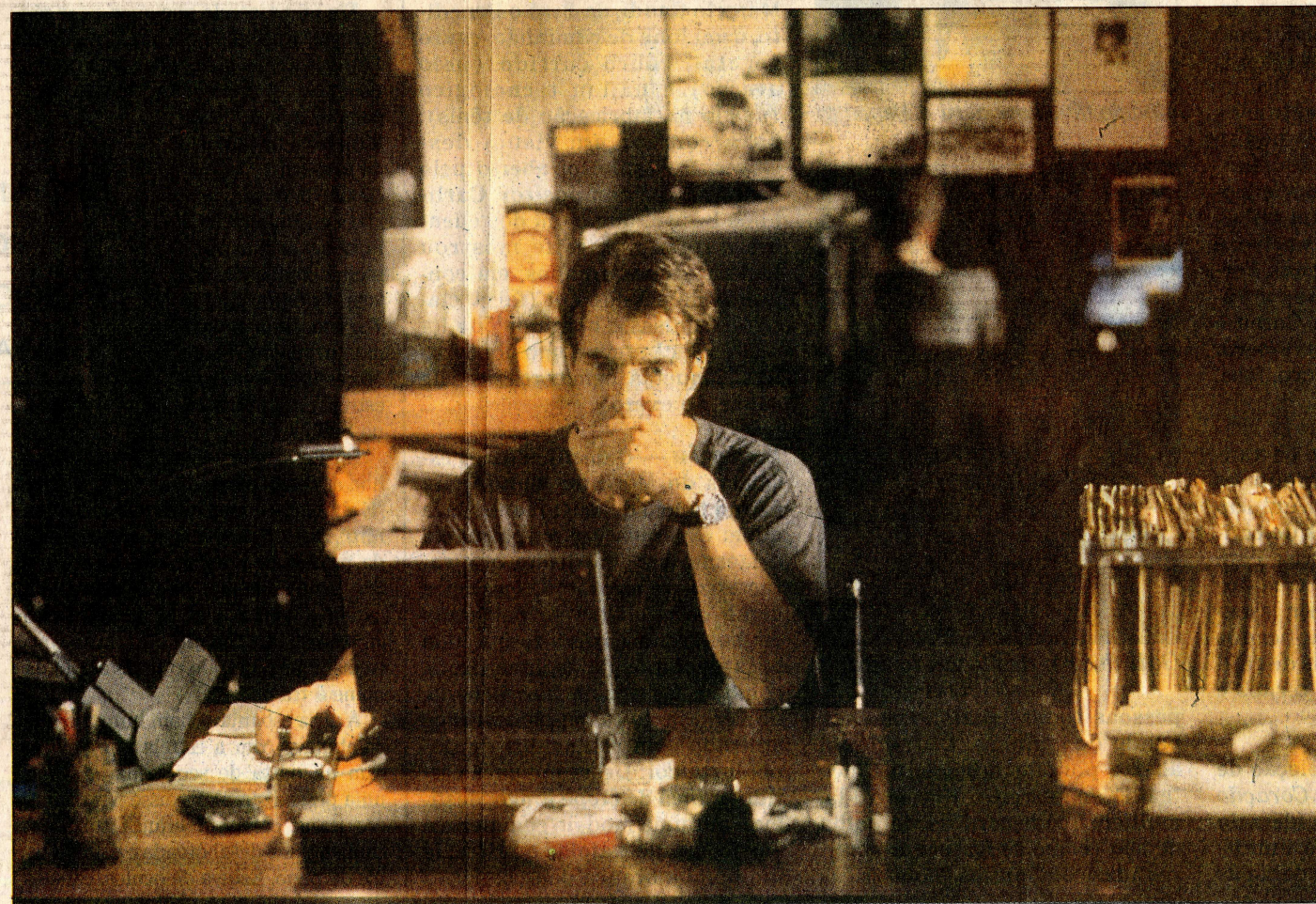
transformadores do mundo, como o cientista de *Einstein on the Beach*, o Mahatma Gandhi de *Satyagraha* (1980) ou o faraó que introduziu o monoteísmo no antigo Egito (*Akh-naten*, 1984). Podem também enfocar desbravadores do desconhecido, como os navegadores Colombo (*The Voyage*, 1992) e Vasco da Gama (*Corvo Branco*, 1993). Ou ainda basear-se em textos de Edgar Allan Poe (*A Queda da Casa de Usher*), Doris Lessing (*The Making of the Representative for Planet 8*) ou Allen Ginsberg (*Hydrogen Jukebox*). Algumas de suas peças orquestrais são "retratos da natureza", como *The Light, Canyon e Itaipu*.

Boa parte da inspiração de Glass vem do Brasil. Sua gravadora, a Point Music, já editou três CDs do Grupo Uakti. Mais que isso, todos os anos, sempre com discrição budista, ele se instala durante quase dois meses num pequeno apartamento em Ipanema, munido de um teclado Roland e muitas pautas musicais.

Quatro óperas já foram compostas durante essas férias brasileiras. Às voltas com o lançamento de *Jenipapo* — filme que apadrinhou desde que Monique Gardenberg rascunhou as primeiras idéias, quatro anos atrás — e com os toques finais na ópera *Les Enfants Terribles* — a terceira baseada em filmes de Jean Cocteau —, Glass falou com exclusividade ao *Estado*, em seu apartamento. Discorreu longamente sobre o seu processo de criação, comentou sua admiração por Cocteau e avaliou os rumos da música contemporânea. "Os músicos jovens querem estabelecer uma comunicação com o público, querem ser ouvidos."

■ A entrevista com Philip Glass está nas páginas 4 e 5

'Powaqqatsi', a segunda obra da trilogia de Reggio, enfoca os problemas e a desarmonia do Terceiro Mundo: o músico tem o seu primeiro contato com o Brasil ao visitar Serra Pelada, em 1987



O ator Henry Czerny em cena de 'Jenipapo', como o jornalista Michael: trilha sonora ajuda a criar a estrutura do filme e a identidade do personagem, na avaliação de Glass